

GOVERNO DO PARANÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO - SEAB
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL - DERAL
DIVISÃO DE CONJUNTURA AGROPECUÁRIA - DCA

A OVINOCULTURA DO PARANÁ NO CONTEXTO NACIONAL
E MUNDIAL: UM BREVE DIAGNÓSTICO SITUACIONAL

ROBERTO CARLOS PRAZERES DE ANDRADE SILVA
andrades@pr.gov.br

CURITIBA
JANEIRO
2004

A OVINOCULTURA DO PARANÁ no CONTEXTO NACIONAL E MUNDIAL: UM BREVE DIAGNÓSTICO SITUACIONAL

1 – Panorama Mundial

O rebanho mundial de ovinos é de 1,034 bilhão de ovinos, destacando-se a China (136,9 milhões), a Austrália (113,0 milhões), Índia (58,8 milhões), Irã (53,9 milhões), o Sudão (47,0 milhões) e a Nova Zelândia (43,1 milhões), os quais juntos detém 43,8% do total mundial. O Brasil detém cerca de 1,5% do plantel mundial de ovinos. São aproximadamente 15,0 milhões de ovinos, distribuídos por todas as regiões do país. O rebanho ovino brasileiro representa o 13º rebanho mundial, tabela 1.

Tabela 1 – Rebanho ovino por país, segundo a FAO (2002)

País	Rebanho Ovino (nº de cabeças)
Mundo	1.034.007.820
China	136.972.415
Austrália	113.000.000
Índia	58.800.000
Irã	53.900.000
Sudão	47.043.000
Nova Zelândia	43.141.000
Reino Unido	35.432.000
África do Sul	29.090.000
Turquia	26.972.000
Paquistão	24.398.000
Espanha	24.300.624
Nigéria	22.000.000
Brasil	15.000.000

Fonte: ONU/FAO – Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAOSTAT AGRICULTURA –2002).

No contexto mundial, a ovinocultura é uma atividade econômica presente em todos os continentes (Tabela 2), com seus mais diferentes climas, solos e vegetação. Caracteriza-se como uma exploração pecuária de relativa expressão econômica para inúmeros países do globo terrestre onde explorada, já que no aspecto geral é desenvolvida em sistemas extensivos e com baixo nível de tecnologia (Leite, 2002).

Tabela 2 – Evolução do Rebanho mundial, segundo o continente e participação percentual, 1990, 1995, 2000, 2001 e 2002.

Continentes	Ano	1990	1995	2000	2001	2002	Participação % -2002
Mundo		1.205,9	1.072,7	1.047,8	1.036,9	1.034,0	100,00
África		205,0	208,8	238,7	239,0	239,5	23,2
Ásia		-	411,1	405,3	403,3	406,8	39,3
Europa		-	180,7	148,5	142,7	141,0	13,6
América Norte e Central		19,1	17,1	15,5	16,0	16,1	1,6
América Sul		104,5	85,1	75,6	74,1	74,2	7,2
Oceania		228,1	169,6	163,9	161,5	156,1	15,1

Fonte: FAOSTAT 2002 (Couto, 2003)

No Brasil, o rebanho ovino, embora concentrado nas Regiões Nordeste (55,0%) e Sul (34,5%) (IBGE 2001), é excelente fonte de renda para os pequenos e médios produtores rurais e fundamental para a economia local de todas as regiões do país.

Tabela 3 - Produção de peles frescas, peles com lã e carne ovina e caprina, segundo os principais países, 2002.

País	2002		
	Peles frescas (t)	Peles com lã (t)	Carne Ovina e Caprina (t)
Mundo	1.601.204	393.355	11.548.850
China	308.840	-	3.044.083
Austrália	143.712	125.029	641.600
Índia	53.380	524	700.400
Irã	64.800	4.309	449.710
Sudão	22.500	-	262.300
Nova Zelândia	103.000	41.200	522.465
Reino Unido	64.000	27.360	299.000
África do Sul	18.000	-	140.000
Turquia	50.680	-	332.500
Paquistão	41.710	16.684	532.489
Espanha	25.000	-	251.489
Nigéria	17.600	-	239.040
Marrocos	12.800	-	141.000
Brasil	15.200	-	116.750

Fonte: FAO (FAOSTAT Agricultura 2002)

A produção mundial anual de carne ovina e caprina gira em torno de 11,5 milhões de toneladas, destacando-se como principais produtores: China (3,044 milhões de t), Índia (700,4 mil t), Austrália (641,6 mil t), Paquistão (532 mil t) e Nova Zelândia (522,5 mil t). O Brasil detém produção de 116,7 mil t ou 1% do total mundial.

Os principais países exportadores de carne ovina são a Nova Zelândia (que comercializa sua produção com a Europa) e a Austrália (que tem como principais parceiros comerciais, os EUA e o Japão), que juntos abarcam mais de 90% do comércio mundial de carne ovina e animais em pé.

As exportações mundiais de carne ovina giram em torno de 930.980 mil toneladas (FAO 2000) e as importações cerca de 864.621 t (Pérez, 2003).

Cerca de 50% da carne ovina consumida no Brasil, segundo Reis (Embrapa Caprinos, 2002) é oriunda do Uruguai, Argentina e da Nova Zelândia.

Tabela 4 – Produção mundial de carnes, segundo as espécies animais, em milhões de toneladas, 1999 a 2002

Espécies Animais	1999	2000	2001	2002
Suínos	89,8	91,2	93,6	93,6
Aves	64,9	66,6	68,5	72,2
Bovinos	59,0	59,6	59,9	57,7
Ovinos e Caprinos	11,2	11,4	11,5	11,6
Outras Carnes	4,0	4,0	4,1	7,5
Produção total	228,9	232,8	237,6	242,6

Fonte: FAO/UBA

Segundo a FAO/UBA, a produção mundial de carnes em 2002, considerando-se as principais criações animais, situou-se em torno de 242,6 milhões de toneladas, tendo a seguinte distribuição percentual: suínos (38,5%), aves (29,8%), bovinos (23,8%), ovinos e caprinos (4,8%) e outras (3,1%) (Tabela 4).

O ranking da produção mundial anual de peles de ovinos frescas com lã, cuja produção mundial gira em torno de 393,3 mil toneladas, tem como principais países nas cinco primeiras colocações: 1º - Austrália (125,0 mil t), 2º - Jordânia (47,7 mil t), 3º - Nova Zelândia (41,2 mil t), 4º - Reino Unido (27,3 mil t) e 5º Paquistão (16,7 mil t).

A produção mundial anual de peles de ovinos frescas situa-se na faixa de 1,6 milhão de toneladas, destacando-se os seguintes países: 1º - China (308,8 mil t), 2º - Austrália (143,7 mil t), 3º - Nova Zelândia (103,0 mil t), 4º - Irã (64,8 mil t) e 5º Reino Unido (64,0 mil t). O Brasil aparece neste contexto, com uma produção de 15,2 mil toneladas.

2 – Panorama Nacional

O Rio Grande do Sul concentrou o maior plantel ovino brasileiro (1995: 50,6% do rebanho brasileiro), formado principalmente pelas raças laneiras Merino e Ideal e ,especialmente, pela raça Corriedale, de aptidão mista carne e lã. Hoje (2003), este estado conta com um rebanho de 4.460.139 ovinos (30,3%).

A região Nordeste (1995: 38,1% do rebanho nacional) apresentava o segundo grande agrupamento de ovinos, porém com propósito bem diferente, ou seja, uma ovinocultura de subsistência e alicerçada em raças nacionais e animais mestiços. (Morais, 2003).

Tabela 5 - Brasil, Região Sul e Paraná – Evolução do rebanho ovino, 1997 a 2003.

Estado/Região	1997	1998	1999	2000	2001	2002 *	2003 *
Brasil	14.533.716	14.268.387	13.339.960	14.784.958	14.638.925	14.488.715	14.672.366
Região Sul	6.008.025	5.921.838	5.648.906	5.568.574	5.047.811	5.245.552	5.165.918
Paraná	558.507	570.382	570.382	548.998	543.779	527.258	519.349

Fonte: IBGE – PPM (Pesquisa Pecuária Municipal)

Nota: * Estimativa ANUALPEC 2003 – FNP Consultoria

Tabela 6 – Variação dos efetivos de ovinos, segundo as diversas regiões geográficas do Brasil.

Região Geográfica	Ovinos (1.000 cabeças)		
	1980	2001	Variação %
BRASIL	18.378,3	14.638,9	- 20,3
Norte	105,7	372,0	+ 251,9
Nordeste	6.175,0	8.060,6	+ 30,5
Sudeste	257,3	435,5	+ 53,6
Sul	11.635,0	5.047,8	- 69,2
Centro- Oeste	206,3	722,8	+ 250,3

Fonte: IBGE - PPM

No período de 1980 a 2001, o rebanho ovino brasileiro sofreu um decréscimo de 20,3%, a Região Sul teve uma redução do plantel estadual de 69,2%, enquanto que nas demais regiões o que verificou-se foram acréscimos nos plantéis, senão vejamos: Sudeste (53,6%), Nordeste (30,5%) e Norte (251, 9%) (Tabela 5).

O início dos anos 90 foi marcado por uma crise mundial no mercado de lã, com reflexos diretos na produção laneira nacional, especialmente para o Rio Grande do Sul, estado que em 1990 era responsável por 96,5% da produção de lã brasileira. A partir desta crise, muitos criadores de ovinos da raça Corridale (aptidão mista para carne e lã) passaram a importar reprodutores das raças Hampshire Down, Suffolk, Ile de France e Texel, especializados em produção de carne e a produzir cordeiros “meio sangue” para abate. (Morais, 2003).

Em 1995, o rebanho ovino do Rio Grande do Sul era de 9.284.181, 50,6% do rebanho nacional (18.336.432 animais). Para 2003 a estimativa do rebanho gaúcho é de 4.460.139 animais, 30,3% do total nacional (14.672.366 cabeças).

Tabela 7 - Brasil e Estados - Evolução do rebanho ovino tosquiado e produção de lã, segundo as regiões geográficas, 1995 e 2001

Regiões	1995				2001			
	Ovinos tosquiados (nº de cabeças)	(%)	Produção de lã (kg)	(%)	Ovinos tosquiados (nº de cabeças)	(%)	Produção de lã (kg)	(%)
Norte	-	-	-	-	-	-	-	-
Nordeste	-	-	-	-	-	-	-	-
Sudeste	31.161	0,4	67.845	0,3	34.767	0,8	79.808	0,7
Sul	8.613.458	98,6	24.730.792	99,0	4.095.904	97,8	11.907.519	98,6
Centro-Oeste	95.456	1,1	160.248	0,7	58.134	1,4	93.226	0,7
Paraná	362.516	4,1	772.918	3,1	267.679	6,5	601.704	5,0
BRASIL	8.740.516	100,0	24.958.885	100,0	4.188.805	100,0	12.080.553	100,0

Fonte: IBGE – FPM

Tabela 8 – Importação de ovinos para abate e de carcaça, em toneladas, 1992 a 2000.

Anos	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Animal vivo	119,5	2.180,8	4.628,9	1.630,9	5.732,0	8.674,1	5.179,4	4.056,1	6.245,9
Carcaça									
Borrego	163,9	309,9	823,5	444,0	325,4	520,6	530,4	231,7	278,6
Adulto	2.075,9	3.702,6	4.694,5	3.869,3	5.715,1	4.961,2	6.148,3	4.343,5	8.216,4

Fonte: MDIC, 2000 (Simplício, 2001)

Segundo Simplício (2001), em torno de 50% da carne ovina consumida no Brasil são importadas do Uruguai, Argentina e Nova Zelândia, existindo um amplo mercado a ser conquistado.

O mercado de peles, também, é carente de matéria prima, tanto em qualidade, quanto em quantidade. O Brasil é importador e exportador de peles de ovinos e caprinos.

Normalmente, as peles exportadas são no estágio de “wet blue” e as importações são de peles já processadas.

Tabela 9 - Brasil e Paraná – Exportação de produtos ovinos, em quilogramas, 2000 a 2002.

Produto	Paraná			Brasil		
	2000	2001	2002	2000	2001	2002
Miudezas e tripas	234.473	137.574	182.458	272.284	164.262	239.734
Couros “wet blue”	-	-	-	759.815	937.701	445.072
Peles c/ lã	-	-	-	-	35.499	67.581
Outras peles	-	-	-	42.260	160.799	47.485
Peleteria	5.089	959	-	43.158	89.168	54.488
Outros couros	-	-	-	-	-	4.099
Carne ovina	-	-	-	3.839	-	108

Fonte: MDIC/SECEX (Sistema Aliceweb)

Couro “wet blue” – couro submetido a um primeiro processamento após o abate, salgado ou em sangue, é despelado com a remoção de graxas e gorduras, e recebe um primeiro banho de cromo, quando passa a exibir um tom azulado.

Couro “Crust” – o couro “wet blue” é transformado em “crust” (semi-acabado)

“Peleteria” - pele curtida e acabada.

As exportações brasileiras de produtos ovinos têm os destinos mais diversos: África, Ásia (Japão, China e Índia), Oriente Médio, Europa, América do Norte (Canadá, México, EUA) e do Sul (Uruguai e Argentina).

Segundo Leite (2003), em contraste com os índices constatados no Brasil, verifica-se um crescimento acentuado da demanda pelos produtos da ovinocaprinocultura de corte, notadamente a carne e a pele. A demanda encontra-se reprimida, sendo que o mercado atual é suprido com a matéria prima importada de países do Mercosul e de outros continentes. O consumo de carnes caprina e ovina cresceu substancialmente nos últimos dez anos, porém situa-se em torno de 1,5 kg por habitante/ano.

Tabela 10 – Importação de carne e ovinos vivos, em 1.000 kg, 1996 a 2002.

Item	1996	1998	2000	2001	2002
Carne/carcaças	8.333,3	8750,5	10.993,4	4.054,0	2.527,3
Nº borregos*	694.448	729.218	916.126	337.847	210.606

Fonte: MDIC (Couto, 2003)

Nota: * Nº de borregos – animais de 30 kg de peso vivo (Brasília) e rendimento médio de carcaça de 40%.

Tabela 11 – Importação de ovinos e produtos derivados (carnes, peles, miudezas e tripas), 2000 a 2002.

Produto	Paraná			Brasil		
	2000	2001	2002	2000	2001	2002
Ovinos	-	-	-			
Reprodutores	-	-	-	5.892.956	360	495
Vivos	-	-	-	4.280	1.125.231	-
Carne ovina	236.000	136.640	-	8.216.449	3.599.372	2.436.477
Miudezas/tripas		-	-	1.315.770	1.586.109	618.138
Peles c/ lâ	57.864	258.431	731.177	2.023.129	1.539.566	1.909.187
Couros “wet blue”	-	-	-	661.247	285.592	148.115
Outras peles	-	-	-	208.428	118.484	104.368
Peleteria	-	-	-	4.935	1.918	3.956

Fonte: MDIC/SECEX/IPARDES

As importações de reprodutores ovinos tem origem na Nova Zelândia, a de animais vivos, no Uruguai e a de carne ovina, no Uruguai, Argentina, Chile, Austrália, EUA, Argentina e Nova Zelândia. Os demais produtos são oriundos de países da Europa, África, Ásia, América do Norte e do Sul.

3 – Panorama Estadual

No Estado do Paraná, os objetivos e características da ovinocultura diferem daqueles observados no Rio Grande do Sul (IBGE: 2001 – 29,4% do rebanho nacional) e do Nordeste (IBGE: 2001 - 55,1% do rebanho nacional).

O maior interesse do Paraná reside na exploração de cordeiros para abate, cujos animais são oriundos de criações de pequeno e médio porte, com plantéis compostos de um número reduzido de matrizes e como atividade secundária à exploração de outras espécies animais, especialmente a bovina.

Pelo Censo Agropecuário de 1995/96, 68% do rebanho paranaense tinha por finalidade a produção de carne, envolvendo 74% dos criadores, cujo total era de 24.533.

Segundo o IBGE (PPM - 2001), o rebanho ovino paranaense é de 601.704 cabeças, encontrando-se espalhado por todo o Estado, com uma oferta muito instável de animais para abate.

Pelo Censo Agropecuário de 1995/96 (IBGE), no Paraná, 34,3% das propriedades que desenvolvem a ovinocultura possuem até 50 ha e outros 30,5%, possuem entre 50 a 500 hectares. Cerca de 94% dos criadores de ovinos são proprietários. 46,3% desenvolvem apenas a pecuária e 27,8%, além da ovinocultura, também fazem o cultivo de lavouras temporárias.

O Paraná é considerado um Estado com um plantel ovino de elevado padrão genético. No entanto, em termos gerais, resente-se da ausência de um sistema de produção definido, com controle sanitário e um manejo reprodutivo adequado às condições de clima, solo e topografia.

Em 2002, o SIP – Serviço de Inspeção do Paraná - registrou o abate de 6.441 animais (caprinos/ovinos), oriundos de abatedouros situados nos Núcleos Regionais da SEAB de: Apucarana (10 cabeças), Pato Branco (2.054 cabeças), Ponta Grossa (369 cabeças), Cascavel (553 cabeças), Guarapuava (809 cabeças), Umuarama (434 cabeças) e União da Vitória (2.212 cabeças).

Tabela 12 - Paraná - Estabelecimentos de abate de ovinos e caprinos, inscritos no Serviço de Inspeção Estadual, segundo os municípios e capacidade de abate (cabeças/dia), 2002.

Empresa	Município e Região	Capacidade (cabeças/dia)
Saete Zanella	Quedas do Iguaçu – Laranjeiras do Sul	20
Frigorífico Dalla Rosa	Cantagalo – Guarapuava	3 (ovinos) e 3 (caprinos)
Wladelop Abatedouro e Distribuidora de Carnes Ltda.	Campo Largo – Curitiba	-
Nardi e Habitzroiter Ltda.	Foz do Iguaçu – Cascavel	100
Nestor J. Bertinato e Cia Ltda.	Pato Branco	40

Fonte: SEAB/DEFIS/SIP

Segundo Miranda (2000), até 1999, 21 abatedouros estavam em atividade abatendo, mensalmente, uma média de 17.400 ovinos, sendo que em 2000 o número de abatedouros caiu para 13, com abate médio mensal de 600 cabeças (30 cabeças/dia).

Estes fatos são indícios de que nestes últimos anos aumentou o abate clandestino de ovinos e cresceu a importação de carnes de ovinos (outros estados e países), principalmente devido a menor vantagem da manutenção de infra-estrutura de abate.

Conforme pode ser visto na tabela 12, apenas seis (6) abatedouros frigoríficos com registro no Serviço de Inspeção do Paraná (2003), atualmente, abatem caprinos e ovinos, os quais encontram-se localizados nas regiões de Curitiba, Cascavel, Pato Branco, Laranjeiras do Sul e Guarapuava.

Os estabelecimentos frigoríficos com registro no Serviço de Inspeção Federal (SIF), que têm feito algum abate de caprinos e ovinos, são 4, a saber: Mazzacuti e Mazzacuti (Rolândia - Londrina), Argus (São José dos Pinhás - Curitiba), Agropecuária Spaciari (Cambira - Apucarana) e Frigorífico Xetas (Umuarama).

Na região de Guarapuava, vários estabelecimentos aparecem na condição de abatedouros de ovinos e caprinos, a saber: Frigorífico Keller, Frigorífico Padilha, Açougue Shafranski, Frigorífico Canelas Ltda, Frigorífico AVR Ltda. e Frigorífico Dalla Rosa.

Tabela 13 – Os maiores municípios criadores de ovinos, Paraná, 2002.

Município	Nº de cabeças	Nº de abatidos/ano	Peso médio (kg)
Guarapuava	15.600	1.910	21
Ortigueira	13.286	3.000	15
Tibagi	5.000	900	16
Pinhão	4.700	660	21
Céu Azul	3.000	1.200	17
Turvo	3.400	560	21
Lapa	3.000	750	17
Umuarama	1.500	1.500	15
Laranjeiras do Sul	3.130	340	16
Reserva	12.000	3.000	15
Palmas	4.000	2.000	18
Inácio Martins	3.800	1.750	22
Cascavel	7.000	3.000	17
Campo Largo	3.000	950	18,8
Cruz Machado	5.200	1.800	12
Nova Laranjeiras	8.500	3.100	16
São José dos Pinhais	5.500	1.650	18,5
São Mateus do Sul	4.800	1.200	12
Cândido de Abreu	4.200	2.000	17
Diamante do Sul	5.000	2.300	16
General Carneiro	3.800	1.820	12
F. Beltrão	3.530	3.106	20
Jaguariaíva	3.000	700	16
Mangueirinha	3.500	1.750	18
Prudentópolis	4.100	560	21
São Jerônimo da Serra	3.000	1.500	20
Santa Tereza do Oeste	3.500	2.200	17
Rio Negro	3.420	440	17
Palmital	3.100	450	20
Bituruna	5.000	1.800	12
TOTAL - Paraná	400.056	168.317	17,57

Fonte: SEAB/DERAL/DEB (FPM – ano base 2001)

Segundo a SEAB/DERAL/DEB (FPM), os principais municípios criadores de ovinos são: Guarapuava (3,9%), Ortigueira (3,3%), Reserva (3,0%), Nova Laranjeiras (2,1%), Cascavel (1,7%), Tibagi e Bituruna (1,2%), Pinhão e São Mateus do Sul (1,2%), Cândido de Abreu e Prudentópolis (1,0%).

Tabela 14 – Efetivo de rebanho ovino, segundo as 39 microrregiões geográficas homogêneas do IBGE, 1996.

MRG (39)	Ovinos (n.º de cabeças)	Participação %
. TOTAL		
Paraná	574.752	100,0
. MICRORREGIÃO		
Guarapuava	65.663	11,4
Umuarama	24.089	4,2
Telêmaco Borba	33.242	5,8
Cascavel	32.927	5,7
Pitanga	28.589	5,0
Palmas	24.096	4,2
Ponta Grossa	23.062	4,0
Paranavaí	23.750	4,1
Ivaiporã	22.865	4,0
Francisco Beltrão	21.080	3,7
Toledo	16.965	2,9
Curitiba	17.096	3,0
União da Vitória	18.100	3,1
Prudentópolis	17.085	3,0
Pato Branco	16.150	2,8
Campo Mourão	15.625	2,7
Astorga	13.955	2,4
Jaguariaiva	13.403	2,3
Cianorte	11.607	2,0
Ibaiti	11.714	2,0
Foz do Iguaçu	11.656	2,0
Rio Negro	9.071	1,6
Goioerê	9.145	1,6
Londrina	9.260	1,6
Wenceslau Braz	9.045	1,6
Cornélio Procópio	8.342	1,5
Irati	8.403	1,5
São Mateus do Sul	8.189	1,4
Apucarana	7.408	1,3
Jacarezinho	7.034	1,2
Capanema	6.480	1,3
Lapa	6.693	1,2
Faxinal	6.268	1,1
Assai	5.174	0,9
Porecatu	4.777	0,8
Maringá	3.139	0,5
Floraí	1.783	0,3
Cerro Azul	1.075	0,2
Paranaguá	750	0,1

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário - 1996

De acordo com o Censo Agropecuário de 1996, as principais microrregiões geográficas com os maiores rebanhos de ovinos são: Guarapuava (11,4%), Telêmaco Borba (5,8%), Cascavel (5,7%), Pitanga (5,0%), Palmas e Umuarama (4,2), Paranavaí (4,1%), Ponta Grossa e Ivaiporã (4,0%).

Tabela 15 - Paraná – Efetivo de rebanho ovino, segundo a condição do produtor, em 31 de julho de 1996.

Condição do produtor	Rebanho total (cabeças)	N.º de criadores (ovinos p/ venda)	Animais abatidos (cabeças)	N.º de criadores (ovinos p/ lã)	Animais tosquiados (cabeças)	Produção de lã (t)
Proprietário	540.684	4.329	53.030	7.952	180.571	391
Arrendatário	9.528	100	1.149	148	2.796	7
Parceiro	6.396	63	818	92	1.519	3
Ocupante	18.144	272	2.208	437	6.373	14
Total	574.752	4.764	57.205	8.629	191.259	415

Fone: Censo Agropecuário – IBGE - 1995/96

Na produção de 415 t de lã (IBGE – 1996), participaram cerca de 8.929 criadores, dos quais 7.952 (89,1%) situados na condição de proprietários da terra.

No tocante aos animais vendidos, segundo esta mesma fonte de dados, 4.764 criadores de ovinos (dos quais 90,8% eram proprietários da terra), venderam 57.205 animais.

Tabela 16 - Paraná – Efetivo de rebanho ovino, segundo a finalidade da criação, em 31 de julho de 1996.

Finalidade da criação	N.º de criadores	Rebanho total (cabeças)	Até 1 ano	Ovelhas	Carneiros (reprodutores)	Outros ovinos
Lã	5.922	163.238	153.221	308.494	35.677	43.292
Carne	18.157	390.896	2.582	5.522	818	606
Carne e lã	454	20.618	1.821	3.725	536	314
Total	24.533	574.752	162.854	327.933	38.404	45.561

Fonte: Censo Agropecuário – IBGE (1995/96)

No tocante à aptidão e finalidade da criação do rebanho ovino paranaense, segundo o Censo Agropecuário de 1995/96, os criadores na época estavam assim distribuídos: 24,1% (produção de lã), 74,0% (produção de carne) e 1,9% (produção de carne e lã).

Tabela 17 - Paraná – Entrada de ovinos no Estado do Paraná, segundo a finalidade e Unidade da Federação de Origem, 1999.

Estado de Origem	Finalidade			Total
	Abate	Cria, recria e engorda	Reprodução, exposições, feiras e leilões	
RS	8.687	233	440	9.360
SC	0	7	42.489	42.496
MS	545	87	57	689
SP	0	0	69	69
Outros (estados/países)	30	29	33	92
Total	9.262	356	43.088	52.706

Fonte: SEAB/DEFIS/DSA

Tabela 18 - Paraná - Saída de ovinos do Estado do Paraná, segundo a finalidade e unidades da federação de destino, 1999.

Estado de Origem	Finalidade			Total
	Abate	Cria, recria e engorda	Reprodução, exposições, feiras e leilões	
RS	0	0	1	1
SC	0	0	0	0
MS	0	127	188	315
SP	1.558	799	968	3.325
Outros (estados/países)	2	137	776	915
TOTAL	1.560	1.063	1.933	4.556

Fonte: SEAB/DEFIS/DSA

Segundo o DEFIS/DSA (tabela 16), em 1999, o Estado do Paraná caracterizou-se como importador de ovinos, tendo como principal fornecedor o estado de Santa Catarina (81%), dos quais a maioria destinados à reprodução. O estado do Rio Grande do Sul ficou em segundo lugar com 17,8%, tendo os animais a finalidade de abate.

Quanto à saída de ovinos do Paraná, o estado que mais adquiriu animais foi São Paulo, com perto de 73%, com a seguinte finalidade: 47% (abate), 24% (cria, recria e engorda) e 29% (reprodução, exposições, feiras e leilões).

Tabela 19 - Paraná – Evolução do Valor Bruto da Produção (VBP) da Ovinocultura paranaense, 97/98 a 2001/02.

Ano Base	Rebanho (n.º de Cabeças)	Abatidos/ano (nº cabeças)	VBP – carne (R\$)	Produção de lã (kg)	VBP - lã (R\$)
1997/1998	491.979	206.162	7.705.166,38	678.882	631.360,26
1998/1999	500.533	209.189	7.797.571,92	620.401	570.768,92
1999/2000	423.999	179.248	7.877.602,50	558.933	592.468,98
2000/2001	416.743	173.550	7.332.586,92	541.189	573.660,34
2001/2002	400.056	168.317	13.366.087,48	542.801	662.217,22

Fonte: SEAB/DERAL/DEB

Do período de 1997/98 a 2001/02 o Valor Bruto da Produção da ovinocultura (produção de carne e lã), cresceu 68,2%, partindo de um total de R\$ 8.336.526,64 (97/98) para R\$ 14.028.304,70 (2001/02).

Na comparação com o Valor Bruto da Produção da Pecuária de 2001/02, cujo montante foi de R\$ 6.657.438.728,76, verifica-se que a ovinocultura, com um VBP de R\$ 14.028.304,70, tem participação de 0,2%, o que denota a sua real importância para a economia de muitos municípios e regiões do Paraná..

4 – CONCLUSÕES

Conforme ficou patente pelas informações e dados estatísticos até aqui expostos, a ovinocultura é uma atividade produtiva importante para a economia agropecuária paranaense, que, apesar de ressentir-se de vários pontos críticos ou pontos de estrangulamentos, apresenta inúmeras vantagens comparativas ou oportunidades.

4.1 - PONTOS CRÍTICOS

- rebanho distribuído irregularmente e disperso por todos os recantos ou regiões do Estado;
- prevalência no Paraná no criador de ovinos e não do produtor de carne ovina de qualidade;
- padrão racial dos animais e sistema ultra-extensivo de exploração, influenciando negativamente a comercialização das carcaças, sem preços diferenciados;
- alto nível de abate clandestino;
- o mercado paranaense é abastecido por produto de outros estados e países;
- a carne ovina oriunda do Rio Grande do Sul, Argentina, Uruguai e Nova Zelândia é obtida de animais de raças produtoras de lã, caracterizando-se pela baixa qualidade;
- falta de regularidade no fornecimento de carne ovina;
- os preços dos produtos ovinos são irrealistas, resultando no baixo consumo;
- carne ovina de baixa qualidade, oriunda de capão ou ovelha de descarte;
- ausência de classificação e tipificação de carcaças ou pelo menos, a identificação do tipo de animal abatido (carne de cordeiro, de borrego, de ovelha ou de capão) e origem do produto;
- falta de hábito da população de consumo da carne ovina devido desconhecimento de outras formas de elaboração culinária, exceto o churrasco;
- instabilidade da oferta de produtos ovinos (carne ovina, lã e peles), sem programação da produção, caracterizando-se pela condição sazonal de safra e entressafra;
- ausência de contratos formais de comercialização de carne ovina e peles;
- falta de programa de pesquisa nas áreas de saúde animal, nutrição e alimentação, instalações, manejo, genética e melhoramento animal, sócio-economia e reprodução;
- falta de difusão das novas tecnologias adaptadas e de uso imediato pelos produtores, geradas e disponíveis nas instituições de pesquisa brasileira;
- ocorre baixa produção de lã, cuja condição é de baixa qualidade e preços baixos;
- as peles brasileiras são de baixa qualidade, chegando aos curtumes com um percentual elevado de defeitos;
- maior volume de vendas de peles na fase de menor agregação de valor – wet blue;

- os curtumes operam com capacidade ociosa, não por falta de matéria prima, mas em função dos defeitos e da baixa qualidade apresentada pelas peles;
- falta de divulgação dos produtos e subprodutos;
- o país, incluindo-se o Paraná, é importador de peles de ovinos e caprinos;
- ocorre um baixo nível de organização dos criadores de ovinos;
- existência de várias associações de criadores por raças, ao invés de uma única associação estadual fortalecida e representativa e que congregasse todos os criadores de ovinos do Estado;
- desarticulação da cadeia produtiva da ovinocultura impossibilita a exploração de todo potencial da atividade;

dentre outros.

4.2 – OPORTUNIDADES

- mercado de carnes dos pequenos ruminantes está em franca ascensão em todo o país e é cada vez mais exigente;
- a demanda por carne ovina e caprina encontra-se amplamente reprimida, sendo suprida pelas importações;
- a produção de carne proveniente de animais deslanados e semi-lanados poderá atender o mercado interno e, em futuro próximo, adentrar os mercados internacionais;
- possibilidade de melhoria da produção de peles, através de mudanças nos sistemas de exploração, qualificação da mão-de-obra, redução da idade de abate de animais, dentre outros;
- o preço do cordeiro mamão apresenta tendência de ultrapassar o preço da carne bovina;
- existe a possibilidade de industrializar a lã e as peles, como forma de agregar valor à produção de ovinos;
- localização favorável do Paraná em relação aos grandes centros consumidores de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro;
- existência, no Paraná, de parque industrial (abate de animais) forte e preparado para o processamento e exportação de produtos cárneos;
- o Paraná já caracteriza-se como grande criador de ovinos tipo carne, com bom potencial genético das matrizes e reprodutores;
- existe grande potencial para o desenvolvimento de vários segmentos da cadeia produtiva;
- no país, é amplo e estável o mercado para peles de qualidade, sendo suprido pelas importações, além de que o país também caracteriza-se como exportador destes produtos;
- a carne de ovinos e caprinos precoces tem larga aceitação, principalmente nos grandes centros urbanos, apesar do consumo anual per capita, ainda ser bastante baixo (Segundo o SEBRAE, em Fortaleza o consumo per capita de carne ovina e caprina é de apenas 0,590 kg/ano e 0,375 kg/ano, respectivamente. A de carne bovina é de 19 kg/ano) – (Filho, 2003);
- existência de demanda potencial (inclusive de animais vivos), representado pelos países árabes (os Emirados Árabes Unidos consomem cerca de 10 milhões de carcaças de caprinos e ovinos por ano);
- dentre as atividades da ovinocaprinocultura, a industrialização de peles é a de maior rentabilidade (CNPQ, 2000);

dentre outros.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, a produção de carne ovina tem participação sócio-econômica crescente nos vários estados da federação brasileira e afirma-se cada vez mais como excelente alternativa de viabilização da pequena e média propriedade rural, por vários fatores, a saber:

- características da espécie ovina (docilidade, porte pequeno e da relativa rusticidade), permitindo a sua exploração utilizando mão de obra familiar e instalações simples e de baixo custo;
- propicia um incremento de renda “per capita”, com incremento da melhoria no nível nutricional da família do pequeno produtor rural, através da disponibilização de proteína animal e sem o prejuízo de outras atividades da propriedade;
- possibilidade de estímulo da manipulação de lã e pele de forma artesanal, desde que conduzida de forma adequada e em sistemas que considerem as peculiaridades de cada região;
- possibilita o acesso a alternativas de alimentação (disponibilidade de subprodutos e resíduos agroindustriais, características de solo, clima e topografia, densidade demográfica e localização geográfica, etc);
- animais de pouca exigência em qualidade alimentar, que com manejo racional, possibilita a criação sem a necessidade de utilização de suplementação alimentar com concentrados;
- os animais atingem, em pouco tempo, peso de abate (idade ideal de 5 a 6 meses), momento em que o cordeiro alcança os melhores preços no mercado;
- a criação requer pouco capital fixo, baixo custo de produção e apresenta retorno relativamente rápido;

dentre outros.

6 – Literatura Citada

EMBRAPA. II Plano Diretor – Embrapa Caprinos 2000 – 2003. Sobra, CE, 2000. p. 1 a 35

Nogueira Filho. Antonio. Sistema Agroindustrial e potencialidade da ovinocultura. Site: www.ovinocultura.com.br. Julho de 2003.

Miranda, Atháide Rodrigues de. Ovinocultura. SEAB/DERAL, 2000.

SILVA, Roberto C. P. de Andrade. SEAB/DERAL. Julho de 2003.

Simplício, Aurino Alves. A caprino-ovinocultura na visão do agronegócio. In: Revista CFMV, Brasília – DF, Ano VII, nº 24, set/out/nov/dez de 2001. p. 15 a 18.

Morais, Octávio. O melhoramento Genético dos Ovinos no Brasil: Situação Atual e perspectivas Para o Futuro. Site: www.ovinocultura.com.br/artigo3.htm. Julho de 2003

Leite, Enéas Reis. Ovinocaprinocultura – A modernização do Agronegócio. Embrapa Caprinos. E-mail: en%C3%A9as@cnp.embrapa.br. Site: www.cnpc.embrapa.br

Couto, Flavio Augusto d'Araújo. Dimensionamento do Mercado de Carne Ovina e Caprina no Brasil. In: 2º Sincorte, João Pessoa, 29 set. a 3 out. 2003. Paraíba, 2003. p.71 a 81.

Pérez, Juan R. O.. Perspectivas da Ovinocultura nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. In: 2º Sincorte, João Pessoa, 29 set. a 3 out.2003. Paraíba, 2003. p. 243 a 262.

Elaboração: ROBERTO CARLOS PRAZERES DE ANDRADE SILVA –
andrades@pr.gov.br - SEAB/DERAL - fone: (0xx41 – 313-4132 – fax: 313-4031).